



CARTA MORTUÁRIA DO P. FRANCISCO GONÇALVES DA COSTA

O P. FRANCISCO GONÇALVES DA COSTA, uma das figuras mais admiradas e queridas da Inspetoria Salesiana São Pio X de Porto Alegre (RS), faleceu inesperadamente na manhã de 13 de maio de 1983. Quase às vésperas de completar 79 anos, deixou a vida terrena para integrar-se definitivamente na eterna. Foi uma existência marcada por virtudes que fizeram dele um autêntico santo salesiano.

Sua morte foi profundamente sentida por todos aqueles que tiveram o privilégio de com ele conviver.

Talvez ninguém mais privilegiado do que a população de Ascurra (SC), que por mais de 30 anos o teve em seu meio. A admiração, a estima e o respeito dos ascurrenses pelo P. Francisco eram tão grandes que, apenas souberam da morte, reivindicaram para si a posse de seu corpo.

A prefeitura de Ascurra providenciou o transporte. Do alto da colina, onde repousa na tumba, o P. Francisco vela sobre a população que tanto amou e pela qual foi tanto amado.

Dia 14, véspera da sagrada episcopal de Dom Antonio Possamai, ascurrense, trouxe à cidade muitos bispos, sacerdotes e ex-alunos do Colégio São Paulo, a maioria ex-alunos do P. Francisco. Na tarde

desse dia, celebraram-se solenes exéquias de despedida. Presididas por Dom Bonifácio Piccinini, SDB, arcebispo de Cuiabá (MT), dela participaram mais de trinta sacerdotes e toda a população de Ascurra. A chuva persistente não impediu o comparecimento a esse último adeus, testemunho de amor, estima e admiração. A Providência, em seus desígnios, preparou-lhe à sua humildade, um final carinhoso repleto de preces, de reconhecimento e de exaltação.

Foram muitos os oradores que deram ao fim da Missa o seu testemunho acerca da bondade, dedicação e santidade do P. Francisco.

Nascido em Oliveira, Minas Gerais, aos 12 de agosto de 1904, filho de José Gonçalves da Costa e de Vicencia Santos da Costa, ingressou aos 17 anos, no Seminário de Lavrinhas (SP), onde também fez o noviciado (1925) e cursou filosofia (1926-28). Enviado a Cachoeira do Campo (1928-29) e a Campinas (1930), afí fez o tirocínio prático.

Findos os estudos teológicos em São Paulo (Santa Teresinha e Pio XI - 1931 - 34) ordenou-se de sacerdote por mãos de Dom José Carlos de Aguirre (30 de novembro de 1934 - São Paulo).

Como sacerdote salesiano desempenhou sua missão em Campinas (1935) como catequista; em São Paulo (1938-40) como conselheiro e catequista; em Bagé (1941-45) como conselheiro e catequista; em Lorena (Escola Agrícola - 1946) como conselheiro e catequista; em Ascurra (1947-67) como conselheiro, professor, confessor; novamente em Bagé (1968) como pároco cooperador e confessor. Finalmente em Porto Alegre, na Casa Inspetorial (abril de 1980 a maio de 1983), cuidando da saúde e ajudando na biblioteca e secretaria.

Professor, confessor, pároco. Como professor brilhou como mestre inigualável, demonstrando uma dedicação e zelo excepcionais, sobretudo para com os alunos com maiores dificuldades em aprender. No magistério demonstrou uma polivalência de espantar. Tanto ensinava matemática, como inglês, português, história, latim.

Era metódico, cordato, compreensivo e paciente. Adaptava-se aos mais fracos. Corrigia as tarefas com amor. Encrustado numa colônia italiana, era ele, genuinamente brasileiro, quem ensinava italiano aos aspirantes. Sem nunca ter dado espetáculo ao piano, era o P. Francisco quem pacientemente iniciava os pianistas na arte musical. Sem nunca ter representado em teatro, era ele quem dirigia as representações teatrais, revelando aos alunos os segredos da arte cênica. Freqüentemente participava dos esportes dos alunos, não deixando de ensinar as noções elementares de volibol, espiribol, pingue-pongue e jogos coletivos.

A rapaziada admirava-se de ver o Pe. Francisco, já maduro em anos, participar alegremente dos jogos, sempre com um inconfundível

lenço branco na cabeça, preso com quatro nós, um em cada ponta. Foi tão incentivador dos esportes que seus ex-alunos de Ascurra dedicaram-lhe o Ginásio de Esportes da cidade.

Com a mesma singeleza e simplicidade com que participava da vida dos aspirantes, participava também da vida dos paroquianos, encontrando assuntos que despertavam o interesse das pessoas. Era uma forma simples de conquistar a estima de todos.

Com essa sua maneira de ser, notabilizou-se por uma profunda dedicação ao trabalho formativo e pastoral, demonstrando ter compreendido o amor também na dimensão da doação. Viveu seu sacerdócio transmitindo aos outros a sua união com Deus e o espírito de religiosidade; era por todos venerado e respeitado por sua autenticidade na vida sacerdotal.

O P. Francisco pouco pensava em si. Vivia em função do trabalho que comportava tanto as aulas e a Missa da comunidade como o controle das caixas d'água e o toque do sino. Com ocupações diversas e variadas, desenvolvia o seu trabalho sem precipitação, encontrando momentos para a récita do brevíário, do terço e as visitas ao Senhor na capela. A oração fazia parte de sua vida, especialmente a Santa Missa, rezada devotamente todos os dias.

Foi sempre amigo de todos sem discriminações. Nem mesmo o rigor das tarefas disciplinares lhe serviu de motivo para criar inimizades. Dotado de auto-controle excepcional, vivia intensa vida interior. Em suas manifestações de regozijo sempre agiu com moderação. Sorria sem nunca gargalhar.

Como salesiano viveu exemplarmente. Era meticuloso nos afazeres, gostando de fazer tudo bem. A limpeza, a ordem, faziam parte de sua vida. Gostava de repetir: "*se não há amor na vida, não há vida no amor*".

Respeitoso com todos, sempre procurou acompanhar a caminhada dos irmãos mais jovens, dando-lhes estímulo e coragem. Era dinâmico e de visão. Mesmo de seus ex-alunos egressos da Congregação procurava informações, interessando-se por sua integração na sociedade.

Entendeu profundamente o espírito de D. Bosco, retratado na simplicidade, na pureza de vida, na dedicação extremada ao trabalho, no amor aos jovens, no cultivo das vocações e na devoção a Nossa Senhora, de um modo especial à Auxiliadora.

Na inauguração de uma gruta a Nossa Senhora de Lourdes, confidenciou a um sacerdote que aquilo era coisa muito boa, porque os fiéis precisam de sinais, e a devoção a Maria é sinal de amor de Deus e a Deus. Não entendia como se pudesse atacar o terço, quando se dá li-

berdade de se rezar de tantos modos. Se repetimos "mamãe", "mamãe" . . . por que não se poderia dizer "Ave-Maria", "Ave-Maria"? E comentava: "*alle volte ritornando all'antico si fa gran progresso*".

Com postura equilibrada e vida morigerada, sem lances retumbantes e espalhafatosos, o P. Francisco viveu uma vida salesiana modelar, podendo ser apontado como exemplo a todos os salesianos.

Uma tal vida, aliada a temperamento introvertido (tendendo para o colérico, inclinado ao escrúpulo e acompanhado de tendência profundamente sentimental) trouxe talvez ao P. Francisco dificuldades para aceitar os achaques próprios de quem foi acometido por uma série de complicações urológicas, seguidas de manifestações de arteriosclerose. Desvincular-se dos jovens, das aulas, dos paroquianos, e do trabalho salesiano em geral, foi uma provação difícil. Viveu seus últimos dias às voltas com momentos de profunda tensão, depressão e sentimentos de inutilidade. A presença de seus irmãos salesianos não era suficiente para alentá-lo na dura caminhada: foi talvez a provação maior de sua vida. Serviu-lhe certamente para completar aquele amadurecimento que o preparava para a eternidade.

Prezados irmãos, enquanto esperamos a ressurreição da carne, ocasião em que poderemos novamente partilhar da presença do irmão que nos deixou, vivamos a dimensão eclesial da Comunhão dos Santos, certos de que a fé, o amor, a vida apostólica, a candura de vida, e a devoção à Nossa Senhora Auxiliadora, a dedicação a Dom Bosco, são trunfos suficientes para propiciar ao P. Francisco o galardão da vida eterna.

Deixamos aqui consignado um agradecimento especial à população de Ascurra e a seu dedicado prefeito, que, com sua ajuda e atenção, souberam unir-se aos Salesianos e participar tão fraternalmente na última e merecida homenagem ao Pe. Francisco.

Colhemos também a oportunidade para encarecer a todos os irmãos uma prece fervorosa pelo descanso eterno do nosso irmão Francisco e também por esta Inspetoria para que possa ser fiel ao espírito de Dom Bosco, encarnado na realidade latino-americana.

Porto Alegre, 13 de maio de 1984.

Pe. Leandro Rossa
Inspetor

DIREZIONE GENERALE
OPERE DON BOSCO

31 OTT 1984

Dados para o Necrólogio:

P. FRANCISCO GONÇALVES DA COSTA

CÔNCIL

S
Morreu com 78 anos, 57 de Vida Religiosa e 48 de Sacerdócio.

★ Oliveira (MG) 12 de agosto de 1904

† Porto Alegre 13 de maio de 1983